

REALE, Giovanni; ANTISERI. Dário. **História da Filosofia**: antiguidade e idade média. 6. ed.. São Paulo: Paulus,1990. v.1

SANTIDRIÁN, R Pedro. **Breve dicionário de pensadores cristãos**. Aparecida - São Paulo: Santuário, 1997.

SOUZA. José Zacarias de. **Agostinho**: buscador inquieto da verdade. Porto Alegre: Edipucrs, 2001 (Coleção Filosofia-124).

VANSTEENBRAGHEN, F. **História da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, s/d, p.32 a 34.

VAZ, Henrique C. Lima. **Antropologia filosófica I**. 5. ed. São Paulo: Layola, 1991.

ZILLES, Urbano. **Filosofia da Religião**. 3.ed. São Paulo: Paulus,1991 (Coleção Filosofia)

www.consciência.org/medieval/agostinho

Revisado por

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. Por Maria Luiza Jardim Amarante, São Paulo: Paulinas, 1984.

AGOSTINHO, Santo. *A Cidade de Deus: Parte I* 4. ed. São Paulo: Vozes. 1999 (Coleção Pensamento).

ALTANER, B.; STUIBER, A. **Filósofos**. Disponível em:
www.mundodosfilosofos.com.br. Acesso em: 20 abr 2005.

BETO, Frei. O SENHOR DA MINHA FÉ. In: **Cartas da prisão, 1973 (mimeo)**

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

COSTA, Nunes, M.R. **Santo Agostinho**: um gênio intelectual a serviço da fé. São Paulo: Paulus. 1999.

FIORI, E.de. **Santo Agostinho**: história e escatologia. São Paulo: Síntese, 1984;

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar .

GAADER, Jostein. **O Mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Diálogos entre Razão e Fé**. São Paulo: Paulinas, 2000 (Coleção Pensamento Filosófico).

É fundamental a conclusão de Agostinho que se tornou ensinamento para nós: o Evangelho é saber de salvação, é compreendido através da fé, mas com o auxílio da razão, independente de sistema filosófico.

Finalmente podemos concluir que Santo Agostinho encontrou Deus por intermédio da fé e da razão. Descobre que Deus é o único ser absoluto, imutável, perfeito e que todos os outros seres são imperfeitos. A nossa fé precisa ser exercitada num Deus ilimitado, pois, somente a fé nos liberta e nos leva ao encontro conosco mesmos e com Deus.

Deus é uma força maior que está dentro de cada um de nós, é preciso buscá-lo na nossa interioridade e não muito longe de nós. Em todas as coisas há vestígios dele, mas o lugar onde ele preferencialmente se encontra é a interioridade de cada um de nós.

Todos nós podemos nos servir do modelo de Santo Agostinho. Basta ouvir o chamado de Deus e viver a nossa vocação, pois quem vive sua vocação vive para servir e vive para o reino de Deus.

ainda não havia se entregado inteiramente a Ele, Deus lhe amava incondicionalmente e com sua infinita bondade continuava lhe chamando. Sua mãe Mônica também rezava fervorosamente pela recuperação do filho, que aos poucos foi se afastando no maniqueísmo, pois as suas respostas já não lhe convenciam.

Santo Agostinho recorreu ao estudo da Bíblia, porém ficou ainda mais confusa, a sua sabedoria, ou seja, sua fé não foi capaz de entender a singeleza daquelas palavras. Somente com a ajuda de Santo Ambrósio Agostinho descobre a noção de espírito, que lhe revela com mais clareza a sabedoria divina oculta nas Sagradas Escrituras.

Agostinho reconhece seu erro ao submeter a doutrina da Igreja ao juízo imaturo de sua própria razão. Percebe que é possível recomeçar pela fé, e assim encontra Deus no cristianismo por meio da fé, compreendendo que precisaria de algo mais que a razão para encontrar Deus. Precisava da fé e essa fé vem do interior da alma.

Em suas *Confissões*, ele cita o exemplo de fé que foi deixada pela sua mãe Santa Mônica que incansavelmente rezava pela sua conversão, mostrou, com sua fé, que para Deus nada é impossível, pois ela se alegrou com a conversão de seu filho, que um dia lhe havia causado tantas mágoas e tristezas.

Através da realização dessa monografia pude ver o quanto a fé é importante, o quanto Deus nos ama e nos chama. Percebi que somos fracos, não somos capazes de conciliar a fé e a razão. Às vezes agimos emocionalmente, levados pelos sentimentos e não pela razão e na maioria das vezes erramos e através dessas experiências é que sentimos que a fé e a razão são inseparáveis, uma complementa a outra.

Compreendi que temos uma história semelhante à de Santo Agostinho. Buscamos a Deus que é a perfeição, mas por sermos criaturas imperfeitas estamos sujeitos ao erro, o importante é que Deus está sempre do nosso lado nos amparando e insistindo na nossa conversão.

A nossa conversão pode acontecer a cada momento, no nosso trabalho, na nossa oração, o importante é confiar, ir a Ele, pedindo perdão por nossos pecados, entregando-nos a ele inteiramente, de corpo, alma coração.

Compreendi que o cristianismo não é uma Filosofia e sim uma religião que tem como origem a palavra de Deus, mas o estudo da filosofia deve nos levar a Deus e não pode ser pura ocupação intelectual.

CONCLUSÃO

Antes de conhecer o Agostinho filósofo, eu já me interessava pelo Agostinho Santo. Lia tudo que encontrava a seu respeito, admirava sua coragem, a maneira como se autocondenou abandonou tudo (coisas mundanas e se converteu). Com a orientação do Professor Paulo Henrique, conheci um pouco de sua vida e de suas obras. Percebi em ambas a interpretação de sua própria vida, que foi uma contínua procura de Deus e da verdade. Passei a anotar todos os comentários sobre Santo Agostinho e guardar todas as fontes de pesquisa, inclusive vários textos retirados da Internet.

A partir daí pude conhecer um pouco da filosofia de Santo Agostinho e fiquei encantada, compreendi que o exercício da filosofia fez dele um filósofo de reflexão profunda, um verdadeiro exemplo de sabedoria em toda a história do cristianismo. Toda sua busca, seus temas abordaram vigor, autenticidade, manifestando a sua imensa fé. Entendi que embora ele tenha interessado pela Filosofia somente aos 19 anos, foi com, a ajuda da mesma que ele conseguiu a sua auto-realização, tanto intelectual como espiritual. Se bem que a sua evolução espiritual se deu acerca das primeiras noções de Deus, recebidas pela sua mãe Mônica.

Embora Santo Agostinho, nunca tenha duvidado da presença de Deus, havia nele uma inquietação, que o deixava angustiado. Como qualquer outro ser humano havia nele sede de Deus. Agostinho sentia a ausência de Jesus Cristo, desejava ser cristão, mas a forma externa do cristianismo não lhe agradava.

Era o tempo de grandes ameaças ao cristianismo. De um lado havia o perigo ariano a reclamar medidas enérgicas, com suas formalidades, ameaçando o cristianismo, de outro lado o Maniqueísmo com sua metafísica essencialmente anticristã e pagã, que ameaçava a estrutura da Igreja e da fé cristã.

Agostinho, homem pecador, desorientado e orgulhoso, deixa de buscar uma compreensão mais profunda das verdades cristãs em fontes mais seguras. Adere ao maniqueísmo, e como ouvinte permanece nesta seita por nove anos, uma vez que o seu espírito racionalista se identificava mais com a metafísica materialista e com suas concepções acerca de Deus e da alma. Seu orgulho ainda era maior que sua fé, fazendo-o inverter a ordem natural depositando toda confiança em si mesmo, preferindo o saber à fé. Mas Deus não abandona seus filhos, e embora Agostinho

Para os governantes, homens que têm em suas mãos os destinos dos povos, Santo Agostinho recomenda que amem, sobretudo a paz e que a promovam, não com guerras, mas com métodos de paz, e nos fala: “é título maior de glória matar a guerra com a palavra, do que matar homens com espada e conquistar ou manter a paz com a paz, não com a guerra”. (AGOSTINHO, 1999, p. 22)

Para os que buscam Deus na sua inquietude, Agostinho aconselha buscar na religião, mas jamais partir do externo, buscar na sua interioridade através da fé. “Não busqueis fora de ti..., entra em ti mesmo. A verdade está na interioridade da alma humana” (AGOSTINHO, 1999, p. 32)

Santo Agostinho encontrou a Deus no cristianismo, na pessoa de Jesus Cristo. Deus é uma força maior, que faz o homem andar, levantar, agir, lutar para viver. A religiosidade é mais relevante que a religião, que são várias. A religiosidade é única é a sua fé, portanto o homem somente encontrará Deus na interioridade de sua alma.

prol da felicidade e do prazer do homem. O homem moderno descobre que é capaz de grandes transformações e a razão clássica que descobre fins, propósitos e objetivos passa a ser uma diminuição ou perversão da razão.

No capitalismo a razão tornou-se uma técnica. O homem possui a razão, o livre – arbítrio, trabalha, modifica, mas torna-se um produto do próprio mercado, valoriza mais o ter que o ser, perdendo assim a sua essência. Para Santo Agostinho, os sentidos trabalham melhor quando aperfeiçoados pela fé. Um homem quando em dependência química ou sob efeito de anestesia, desprovido da razão por algum tempo, conserva os mesmos sentidos de antes, porém estes não funcionam tão bem sem o controle racional.

Embora a razão funcione sem a fé, a sua capacidade não é a mesma. A partir daí conclui-se que a razão metafísica, “ser enquanto ser”, não é destacada atualmente porque se vive num estado de confusão mundial. Diante de uma sociedade individualista, em que o homem se preocupa com o seu bem estar, na qual a valorizado pelo que ele tem, gasta ou ostenta, torna-se difícil a alteridade, ou seja, pensar no outro como ser humano, como pessoa.

Para os homens de hoje que buscam a verdade numa sociedade injusta, em que há a desigualdade social, guerras, fome, a manipulação do poder, omissão das verdades, o desencanto pela vida. Santo Agostinho deixa a mensagem de esperança. Segundo ele, os que procuram a verdade não podem perder a esperança de encontrá-la. “Não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a verdade habita no coração do homem”. (Santo Agostinho). Nesse retorno a si mesmo, o homem encontra a verdade e supera o ceticismo, o conformismo, o desencanto.

Ele ensina ainda que os homens, especialmente os pensadores devem –se preocupar-se apenas com dois objetos: Deus e o homem. E que se deve confiar no triunfo final do bem, onde haverá um mundo melhor, ou seja, aquela cidade onde a vitória é a verdade e a dignidade, e a vida é eternidade” (AGOSTINHO, 1999, p. 29).

Agostinho recomenda também a conversão. O indivíduo está sujeito ao pecado, é pecador por natureza, está sempre pecando em palavras, pensamentos e atos. Cabe a ele arrepender-se e assumir sua culpa, assim a conversão virá naturalmente como um momento único, mudando sua maneira de pensar e agir. Recomenda aos homens da ciência a reconhecerem em todas as coisas criadas o vestígio de Deus. Pois tudo é perfeito demais, somente poderia ser obra de Deus.

O Deus de minha fé não é outro senão
O Filho de Maria, Jesus de Nazaré.
Todos os dias ele morre crucificado pelo nosso egoísmo
Todos os dias Ele ressuscita pela força do nosso amor.

(Beto, 1973)

Agostinho viveu na encruzilhada entre duas épocas: a Antiguidade e Idade Média. Em sua obra vêem-se claramente as marcas de seu tempo e todo o fundamento de sua reflexão está no pensamento antigo. Foi na época da Patrística que houve a tradução da Bíblia para o latim, divisão do Império Romano (do ocidente e do oriente e a divulgação do cristianismo como religião oficial) simultaneamente, as conseqüências de sua reflexão também trouxeram a superação ao maniqueísmo, respondeu com uma ontologia da essência; recusou o ceticismo ensinando a teoria da iluminação. O próprio neoplatonismo de suas origens foi subjugado com uma teologia da fé e da história, descobrindo o ser a partir do sensível e elaborando uma dialética do transitório e do eterno.

Já em vida, exerceu uma grande influência em seus contemporâneos. Seus escritos eram disputados com grandes interesses, às vezes contra a sua própria vontade. Todos admiram Agostinho como um mestre e falam dele com admiração e paixão. Mas muitos lhe criticaram por causa de seus escritos sobre a graça e a predestinação. Muitos se inspiram em Agostinho e na própria África, lutando contra a heresia africana, trazida pelos vândalos após a invasão.

Um importante movimento também que contribuiu para a revivência do prestígio de Agostinho no século XVI, foi o Humanismo. Como aspiravam a um humanismo cristão é natural que se voltassem para os padres e a obra de Agostinho oferecia-lhe um modelo e a teoria para tal humanismo. O século XVIII, que se identifica com a Filosofia das Luzes, na qual há uma reação anticatólica e uma descristianização, Santo Agostinho é pouco divulgado. No entanto, quando o cristianismo revigora procura forças no pensamento de Agostinho. E ele continua a ser um dos raros pensadores cristãos que os não - cristãos sabem pelo menos que existe e a quem concedem um lugar na evolução do espírito humano.

No contexto histórico Medieval, as respostas de todos os problemas eram encontradas em Deus e na Bíblia. A razão era predominante em função da fé. Isso não quer dizer que a razão não prevalecia, pelo contrário, a mesma era usada em

O SENHOR DA MINHA FÉ

Não creio no deus dos hinos fúnebres

Nem no deus dos discípulos incoerentes

Não creio no deus da sorte dos ricos

Ou da alegria dos que praticam a injustiça nem no deus dos que colocam a
lei acima do homem

Não creio no deus acomodado ou dos que não assumem suas
responsabilidades.

Não creio no deus dos sermões vazios nem dos matrimônios sem amor

Não creio no deus construído à imagem e semelhança dos poderosos

Nem no deus que quer conservar a miséria e o sofrimento dos pobres.

Não creio no deus dos natais comerciais

Nem no deus das propagandas coloridas

Não creio nesse deus feito de mentiras tão frágeis como o barro.

O DEUS da minha fé nasceu numa gruta

Era judeu, foi perseguido por um rei estrangeiro!

E caminhava pelas terras da Palestina

Fazia-se acompanhar de gente do povo;

Dava pão aos que tinham fome;

Luz aos que viviam nas trevas;

Liberdade aos que jaziam acorrentados

Paz, aos que suplicavam por justiça.

Ó Deus da minha fé punha os homens acima da lei,

E o amor no lugar das velhas tradições

Ele não tinha uma pedra onde recostar a cabeça

E confundia-se entre os pobres.

Só conheceu os doutores quando esses duvidaram de sua palavra.

Esteve com juizes que procuravam condená-lo

Foi posto entre a polícia, preso.

Pisou o palácio do governador para ser chicoteado.

O Deus da minha fé trazia uma coroa de espinhos

Vestia uma túnica toda tecida de sangue.

Dispôs de batedores que lhe abriram o caminho do calvário

Onde morreu entre ladrões.

pela fé e pela revelação cristã é que se chega a essas verdades puras, “verdades de fé”.

Tomás acreditava em dois caminhos que levam a Deus. O primeiro passa pela fé e pela revelação cristã, o segundo pela razão e os sentidos, sendo o primeiro mais seguro, pois o homem pode-se enganar facilmente confiando apenas na sua razão. Na questão do relacionamento da fé com a razão, há que considerar também o papel que desempenha nossa vontade. O intelecto dá assentimento ao objeto da fé através de um ato da vontade. A vontade, no caso, vem da abertura do ser, ao que lhe é revelada. Para Tomás de Aquino, é pela vontade que o intelecto pronuncia “sim” à revelação de Deus. Muito freqüentemente o cristianismo e a Filosofia falam da mesma coisa, no entanto, podem-se sondar com a razão as mesmas verdades que se lê na Bíblia. (GAADER, 1995, p.199)

Segundo Agostinho o homem, um ser que por natureza procura a verdade, está em busca não é destinado apenas a desafios de verdades parciais, físicas ou científicas, não busca só o verdadeiro bem em cada uma de suas decisões. Essa procura aponta para uma verdade cristã transcendente que seja capaz de explicar o sentido da vida, essa força maior é Deus.

A razão e a fé são igualmente necessárias para a busca da verdade, pois a razão é o caminho para a fé, que encontra no limiar das possibilidades racionais, e é o ponto de chegada e desafio permanente para o homem que busca aquilo que já, de certa maneira, conhece e ama. Agostinho diz, que a parte superior da razão é atribuída à sabedoria, e a inferior à ciência. É na procura inquieta, da sua interioridade que o homem encontra a Deus, a imagem do qual foi criado. E o encontro, por iniciativa de Deus, torna-se revelação! Então, a procura transforma-se em fé. “A fé deve ser ajudada pela razão, cabendo àqueles que são dotados dos dons superiores do espírito e especialmente da palavra, da sabedoria e da ciência, o cuidado de procurar as razões das suas afirmações”. (ZILLES, 1991, p. 38).

Fé e conhecimento são dois momentos inseparáveis, mais distintos da sabedoria cristã, enquanto descobre as razões de sua verdade, a fé torna-se conhecimento, isto é, momento superior da sabedoria que engloba a fé e as razões da fé.

Embora, desvalorizando, platonicamente, o conhecimento sensível em relação ao conhecimento intelectual, admite Agostinho que os sentidos, como o intelecto, são fontes de conhecimento.

No pensamento de Santo Agostinho, o ponto de partida é a defesa dos dogmas (pontos de fé indiscutíveis) do cristianismo, principalmente na luta contra os pagãos, com as armas, intelectuais disponíveis, que provem da filosofia helenístico - romana, em especial dos neoplatônicos como Plotino, para pregar o novo evangelho é indispensável conhecer a fundo as escrituras, que só podem ser bem interpretadas através da fé, pois apenas esta vê ali a revelação da verdade divina. Compreender para crer e crer para compreender, tal é a regra a seguir. (ALTANER; STUIBER, 1998)

Para Agostinho, se o homem faz e desfaz, é um ser mutável, destrutível é capaz de atingir as verdades eternas, com certeza, sua razão transcende, de si próprio, e do mundo externo e se origina da sua interioridade que é Deus. Portanto, Deus faz parte do pensamento humano e o supera o tempo todo por meio da fé. A fé não substitui nem elimina a inteligência, pelo contrário, a fé estimula e promove a inteligência, a fé é um pensamento assentido, no entanto, sem pensamento não haverá a fé. A inteligência fortalece a fé e, de certo modo, a torna nítida, portanto, a fé e a razão são complementares, a fé encaminha o homem para a razão, e a razão leva ao entendimento consciente.

Para anunciar o Evangelho é necessário conhecer bem as Escrituras, que serão bem interpretadas através da fé, mas a fé por ser um exercício humano, exige a compreensão daquilo que se crê. A razão guia para tal compreensão, aproxima o homem da verdade revelada e a traz para si. "Se não credes, não compreendereis".

As utilizações dos princípios racionais platônicos e aristotélicas eram feitos para demonstrar que as verdades da fé cristã, não são disforme ou contrário às exigências da razão humana, que ao contrário, encontra nessas verdades a sua completa realização.

São Tomás de Aquino está entre os que tentaram conciliar a filosofia de Aristóteles com o cristianismo. Dizem que São Tomás de Aquino "cristianizou" Aristóteles e Santo Agostinho Platão, fizeram com que eles fossem interpretados e entendidos sem significar uma ameaça para a doutrina cristã. Atribui-se a ele o mérito de ter conseguido a grande síntese entre a fé e o conhecimento. Para Tomás, sozinha a razão não é capaz de afirmar que Jesus Cristo é o filho de Deus, pois só

Para aqueles que já se abriam às verdades cristãs, o primeiro passo era o anúncio de Jesus Cristo: sua vida, seu mistério, morte, ressurreição e ascensão, um judeu que os cristãos acreditavam ser o filho de Deus. Esse anúncio havia de ser proposto num encontro pessoal, capaz de levar o ouvinte à conversão e ao pedido de batismo, aprofundando a compreensão e a motivação de sua fé. O conteúdo do anúncio, toda história de Cristo e o nascimento da Igreja, está registrado no Novo Testamento, que inclui os Evangelhos e o encontro dos primeiros seguidores com a boa-nova do Evangelho, anúncio esse que trazia uma solução satisfatória para a questão do sentido da vida, e então as investigações filosóficas pareciam-lhes algo sem interesse e, em certos pontos, superadas.

Clemente Alexandria chamava ao Evangelho a “verdadeira filosofia”, e, em analogia com a lei mosaica, ele via a filosofia como uma instrução prévia à fé cristã e uma preparação ao evangelho. Pois a filosofia anseia por aquela sabedoria que consiste na retidão da alma e na pureza da vida, está aberta à sabedoria e tudo faz para a alcançar.

Segundo Aristides, apologista grego do século II, somente os cristãos possuem a verdadeira filosofia, porque encontram mais que todos os outros a verdade acerca de Deus e, em sua pureza de vida, testemunham adequadamente a verdade que crêem (REALE; ANTISERI, 1990, p.407).

A influência da concepção agostiniana foi decisiva na formação e no desenvolvimento da filosofia cristã na Idade Média, sobretudo a inspiração platônica. A razão coloca-se predominante em função da fé, a filosofia serve à teologia, para a interpretação da Escritura (exegese) ou para a construção doutrinária organizada (dogmática), ou seja, a verdade de fé aceita sem prova. Não basta crer, é preciso também compreender a fé. Isso não é possível apenas interpretando os textos sacros mostrando suas possíveis implicações para a vida individual e comunitária dos homens, mas demonstrando-os embasados na razão, nas verdades aceitas pela fé, sem entrar em contradição com os princípios fundamentais da razão.

Agostinho considera a filosofia platônica praticamente, como solucionadora do problema da vida, ao qual só o cristianismo pode dar uma solução integral. Todo o seu interesse está, portanto, circunscrito aos problemas de Deus e da alma, uma vez que são os mais importantes e os mais imediatos para a solução integral do problema da vida.

também se valerem do pensamento grego para a sistematização da doutrina cristã. Muitos foram os cristãos que se empenharam na formulação da doutrina de Jesus valendo-se do sistema grego de pensamento. A história chama esses pensadores cristãos de apologetas ou apologistas, quer dizer, aqueles que fizeram a defesa e a divulgação do cristianismo em meio às correntes de pensamento da época. Os apologistas são chamados também de *padres* (pais e mães) da Igreja pela riqueza de sua produção para consolidação da Igreja e sua doutrina.

Para os filósofos da Idade Média, o cristianismo era uma realidade imprescindível. A questão era saber se era possível simplesmente acreditar na revelação cristã, ou se podia aproximar-se das verdades cristãs com a ajuda da razão. Como conciliar as conquistas da reflexão humana a partir da filosofia grega com as verdades reveladas.

O contraste entre a sabedoria do Evangelho e a sabedoria pagã é flagrante: a primeira é uma sabedoria divina que se dirige aos crentes e oferece à natureza corrompida o socorro da graça redentora; a segunda é uma sabedoria humana, que fala à razão e não conhece senão os recursos da natureza. O cristianismo não é uma escola de filosofia e não comporta uma filosofia em sentido estrito, mas implica uma filosofia em sentido lato, isto é, uma visão do universo, e esta visão são inteiramente novas, pretende dissipar as trevas do paganismo e mesmo as do judaísmo, fechada nos horizontes estreitos de um messianismo terrestre (VANSTEENBRAGHEN, s/d, p.32 - 34).

O encontro do cristianismo com a Filosofia não foi fácil nem imediato. Até então os homens tinham uma concepção mitológica de Deus. As soluções para todas as questões eram buscadas pela intuição, de uma forma espontânea. O homem recorria aos deuses para se convencer da ordem natural das coisas. A mitologia é a primeira explicação do mundo e a vinda de outras manifestações do real (a religião) não ilumina de imediato o ponto de referência para a compreensão do ser.

Os filósofos do pensamento clássico se preocuparam primeiramente em purificar as formas mitológicas ao pensamento que os homens tinham de Deus. Era preciso correlacionar a razão e a religião, analisando os princípios universais, deixando de conectar-se com soluções mitológicas fundamentadas racionalmente na sua crença na divindade. Assim, as superstições seriam reconhecidas como lendas, crenças e as religiões seriam purificadas, pelo menos em parte por um estudo racional.

CAPÍTULO III

A FÉ E A RAZÃO NA PROMOÇÃO E DEFESA DAS VERDADES CRISTÃS

*“Não busques fora de ti... entra em ti mesmo.
A verdade está na interioridade da alma humana”.*
Santo Agostinho

O pensamento e as obras de Aurélio Agostinho e de outros pensadores cristãos faz com que muitas vezes empreguemos a expressão filosofia cristã para o pensamento especulativo da Idade Média, porém o cristianismo não é uma filosofia, nem o seu fundador Jesus Cristo, nem os seus seguidores tiveram a pretensão de produzir um pensamento que pudesse levar o homem até Deus. O cristianismo é uma religião revelada, ou seja, tem como origem a própria palavra de Deus e não é fruto da palavra do homem. Nisto consiste a fundamental distinção entre o cristianismo e a filosofia. O que temos na história da filosofia é que, surgindo o cristianismo no período de declínio da filosofia grega, os cristãos não se valeram desse contexto para imporem o evangelho, mas pelo contrário, valeram-se da estrutura do pensamento grego para fundamentar conceitualmente as verdades reveladas por Jesus. O pensamento grego muito contribuiu na elaboração dos textos bíblicos do Novo Testamento. Historicamente o cristianismo originou-se com o grupo de discípulos provenientes, em sua maioria, da Galiléia, que seguiram Jesus e dele receberam a missão, confirmada pelo Espírito Santo, de anunciar pelo mundo a chegada da redenção, ou seja, do resgate da humanidade do poder do pecado.

Como tal esse anúncio é uma boa-nova esperada pela humanidade há séculos, por isso os escritos que resultaram dos ditos e feitos de Jesus foram chamados de *evangelho*, isto é: *boa-notícia*, trata-se de um saber de salvação, compreendido e aceito, independente de qualquer sistema filosófico, o requisito para sua aceitação é a fé. Após três séculos de existência o cristianismo veio a se tornar a religião oficial de todo Império romano, e aqueles que possuíram uma cultura intelectual pagã, que se valiam dos sistemas filosóficos greco-romanos, não queriam renunciar a esta cultura após sua conversão ao cristianismo. Surgiu assim um tempo muito rico na história do pensamento da humanidade, pelo fato de os cristãos

inúmeras e perigosas heresias de seu tempo. Com suas reflexões passa a destacar e defender o cristianismo, determinando uma revolução decisiva na história da Igreja e do pensamento do Ocidente.

razão humana pode auxiliar constatando e admitindo o mistério, mas não tem como entrar em comunhão com ele.

Se acreditamos no cristianismo, porém Deus irá iluminar nossa alma e então receberemos d'Ele uma espécie de saber que está além do saber natural. Santo Agostinho experimentou nele próprio os limites até onde a filosofia podia chegar. Somente quando se converteu ao cristianismo é que sua alma recebeu a paz. "Inquieto é o nosso coração, até quando repousa em ti" (GAADER, 1995, p.194).

A conversão e a fé em Cristo mudaram o modo de viver de Agostinho, abrindo-lhe novos horizontes para o seu próprio pensar, estimulada e comprovada pela fé a sua concepção cristã adquiriu uma nova essência: a Filosofia cristã, a qual foi para ele um instrumento auxiliar destinado a um fim que transcende seus próprios limites. Isso faz com que muitos vêem nele um teólogo e um místico e não propriamente um filósofo.

A conversão com a conquista da fé foi o eixo em torno do qual todo o pensamento de Agostinho, e constitui o caminho de acesso para a compreensão. Somente na conversão é que se torna certa a fé, pois lhe é dada em dom de Deus (REALE; ANTISERI, 1990, p.34).

Convertido e vivendo na fé, Agostinho passou a ter uma visão melhor das coisas e de Deus. Nos seus momentos de reflexão percebeu que, somente a fé cristã era possível para continuar sua caminhada, pois sentia a presença de Deus em sua vida e podia ver o quanto Deus é necessário. Na verdade ele nunca pôs em dúvida a existência de Deus. Nenhuma problemática, nenhum ceticismo, nem a seita maniqueísta e nem mesmo o estudo das opiniões discordantes dos filósofos puderam arrancar-lhe a convicção de que há um Deus. "Pois a existência de Deus é conhecida de todos os homens, com a possível exceção de alguns poucos que têm a natureza inteiramente corrompida, com esta ressalva, a humanidade é unânime em reconhecer um Deus criador" (SOUZA, 2001, p.19).

Mesmo Agostinho acreditando e sentindo a presença de Deus, ele somente encontrou a paz, a partir do momento que encontrou a si mesmo, ou seja, a sua interidade. Foi quando começou a compreender melhor a sua transcendência e interessar-se mais pelas leituras espirituais, principalmente pelas epístolas de São Paulo. Agostinho reconhece que errou ao submeter a doutrina da Igreja cristã ao juízo imaturo de sua própria razão. Abraça o cristianismo com ardorosa vontade de promover a hierarquia eclesiástica, única maneira de diminuir o grande avanço das

A agudeza de minha inteligência não conseguia penetrar-lhe o íntimo. Tal obra foi feita para acompanhar o crescimento dos pequenos, mas eu desdenhava fazer-me pequeno, e, no meu orgulho, sentia-me grande (Ibid., p.68).

O espírito racionalista de Agostinho não lhe deixa ir além prefere o saber à fé, desiste de aprofundar e compreender melhor o cristianismo e a fé cristã. Assim, chegou a aderir ao maniqueísmo, uma seita gnóstico-cristã, que ensinava a existência de dois princípios eternos: o bem e o mal, isto é, Deus e a matéria em luta perene entre si. Complicada e fantasiosa é a cosmologia maniqueísta, da qual resulta a completa deformação do dogma cristão da Trindade: o pai é Deus, mas o Filho e o Espírito são criaturas enviadas por ele para realizar no homem a separação entre luz e trevas, isto é, a libertação do mal. Agostinho permaneceu nesta seita por nove anos, conforme seu próprio relato em *Confissões*: “Passaram-se de fato nove anos, durante os quais eu me revolvi no lodo desse profundo abismo e nas trevas do erro, tentando levantar-me, mas afundando cada vez mais” (Ibid., p.68).

Durante esses nove anos Agostinho se confundiu com a teoria maniqueísta. Suas palavras traziam as armadilhas do demônio numa mistura confusa de seu nome com o nome de nosso Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo. Os maniqueus falavam em verdade, mas ensinavam falsidades. Professavam uma doutrina em parte religiosa e filosófica e dividiam o mundo em bem e mal, luzes e trevas, espírito e matéria, e graças a seu espírito, o homem podia transcender a matéria, criando, assim as bases para a salvação de sua alma. Essa divisão entre bem e mal aumentava a inquietação de Agostinho. Os discursos dos maniqueus já não respondiam as suas perguntas e desiludido ele afasta do maniqueísmo. Recorre, então, ao neoplatonismo, e convence-se que toda a existência humana é de origem divina.

Por intermédio dos primeiros ensinamentos sobre as coisas de Deus pela sua mãe Mônica, influenciado pelo pensamento de Platão e com a ajuda de Santo Ambrosio, que revela com mais clareza a sabedoria oculta nas Sagradas Escrituras, Agostinho além de converter-se ao cristianismo passa a defendê-lo. Passa a acreditar fervorosamente no cristianismo, mas não despreza a filosofia, pois para ele o estudo da mesma sempre foi um caminho para Deus. Agostinho, com a luz da fé, encontrou e demonstrou que há limites para a razão, quando se trata de questões religiosas. O cristianismo é um mistério divino a que só se chega através da fé. A

e da mãe de Deus, a Igreja, pelo sacramento do batismo de Cristo. Sua mãe Mônica, apavorada apressou a sua purificação através do sacramento do batismo, para que ele confessasse e obtivesse o perdão dos seus pecados. No entanto, ele melhorou e o seu batismo foi adiado. Assim, com a cura do corpo, a saúde da alma foi deixada para segundo plano e, sobretudo as rédeas do pecado foram soltas. “Quanto teria sido preferível para eu ser logo curado e esforçar-me, eu e os meus, para conservar intacta a saúde da minha alma sob a proteção que me terias dado!” (Ibid., p.30)

Agostinho apegava-se cada vez mais às coisas mundanas. E embora, demonstrasse alegria, prazer em sua vida desregrada, uma inquietação interior o perturbava, faltava algo em sua vida e durante as suas crises de consciência, Agostinho, como qualquer outro ser humano, tinha sede de Deus. Sentia a ausência de Jesus Cristo, desejava ser cristão, mas desagradava-lhe a forma extrema do cristianismo.

Pela filosofia se interessou aos 19 anos, ao ler *Hortensius*, obras de Cícero que fazia elogios à Filosofia, tal leitura despertou em Agostinho o amor à sabedoria e o desejo de sempre procurá-la, fazendo do seu cultivo um projeto de vida.

Como eu ardia, ó meu Deus, em desejos de voar para ti, abandonando as coisas terrenas? No entanto, eu ainda não sabia o que pretendia fazer de mim. Em ti reside a sabedoria. Ora, o amor da sabedoria, pela qual eu me apaixonava com esses estudos tem o nome grego de Filosofia (Ibid., p.66).

A leitura ardorosa daquele tratado filosófico abriu para Agostinho novos horizontes. Ele mudou seus sentimentos, passou a ter mais esperanças e pensar numa maneira de levantar-se para voltar para Deus. O jovem Agostinho confessa que ficou encantado pelo conteúdo do livro, mas sentiu a ausência de Cristo. Essa confissão tornou-se evidente o caráter nobre de Agostinho, uma vez que, nos seus momentos de crises e ausências jamais deixava de demandar às coisas do alto e manifestar a fé cristã, embora ainda não conhecesse nada do cristianismo, e cultivasse uma compreensão pagã da realidade, com uma visão racional, incapaz de entender o saber cristão recebido pela fé na revelação divina.

Pela primeira vez o jovem inquieto se aproxima das Sagradas Escrituras. Busca a sabedoria cristã, porém não foi ainda capaz de entender a grandeza daquelas palavras, seu orgulho o impediu de suportar aquela simplicidade de estilo, como ele mesmo diz:

CAPÍTULO II

A FILOSOFIA DE AGOSTINHO: A FÉ ILUMINA A RAZÃO

A Filosofia ajuda o homem analisar os elementos que compõem a sua existência como ser no mundo, isto porque há em cada ser humano uma inquietação congênita, uma ânsia pelo saber intelectual e pela paz espiritual. A filosofia através da reflexão torna mais viva a luz interior de cada ser, levando-o a ir em busca do conhecimento e da fé, para a sua auto-realização.

A filosofia de Santo Agostinho foi a interpretação de sua própria vida, vista como uma contínua busca de Deus, da verdade e uma luta constante contra o mal. Como qualquer outro ser humano, nessa procura Agostinho enfrentou dúvidas angustiantes, aderiu a várias doutrinas, mas sua busca não foi em vão, encontrou Deus tanto pela razão como pela fé.

Embora Agostinho tenha tido uma educação cristã e uma aptidão pela filosofia, na sua infância, o mesmo não aconteceu na sua adolescência. Aos 16 anos iniciou os estudos de eloquência, era estudioso, já fazia notória a extraordinária inteligência que possuía. Mas envolveu-se em paixões amorosas, no vício pelo jogo, tornando-se um jovem rodeado de todo tipo de amigos e freqüentador de círculos dados à boemia. Sua mãe, Mônica, no entanto, rezava muito para que Deus iluminasse o filho. Era uma mulher cristã, virtuosa, mas de pouca formação teológica. Foi de sua mãe que Agostinho recebeu as primeiras noções acerca de Deus e este ponto é de grande relevância para a compreensão de sua evolução espiritual. O próprio Agostinho testemunha que a sua educação religiosa limitou-se ao seguinte:

Eu tinha ouvido falar, ainda criança da vida eterna a nós prometida, graças à humanidade do Senhor nosso Deus, que desceu até a nossa soberba. Fui marcado pelo sinal da cruz e recebi o sal divino, apenas saído do seio da minha mãe, que em ti depositava todas as suas esperanças. (AGOSTINHO, 1984.p.29).

Quando Agostinho diz que recebeu o sal divino do seio de sua mãe, ele confessa em suas confissões, que a partir daquele momento Deus jamais o abandonou, passou a lhe proteger. Recorda que quando criança foi tomado por uma febre alta e esteve à beira da morte. Implorou com fé e ardor a piedade de sua mãe

O principal nome da Patrística é Santo Agostinho. Ele retorna a dicotomia platônica referente ao mundo sensível e ao mundo das idéias e substitui o mundo das idéias pelas idéias divinas. Segundo a teoria da iluminação o homem recebe de Deus o conhecimento das verdades eternas: tal como o sol, Deus ilumina a razão e torna possível o pensar correto. Os olhos do corpo precisam da luz do sol para enxergar os objetos do mundo sensível. “Os olhos da alma” necessitam da luz divina para ver as verdades eternas da sabedoria.

A antropologia patrística estuda a essência do homem através da fé desenvolve-se toda á luz do mistério que transpõe em um nível concreto pela referencia a um modelo histórico, o tema da “imagem e semelhança de Deus”. É importante observar que Agostinho foi o único pensador antigo que buscou a verdade através da sua experiência pessoal. A antropologia agostiniana vai além da teoria. Ele retorna a sua própria experiência, como fonte de pesquisa para entender melhor o homem na sua totalidade. “Vê o homem como ser uno, Agostinho não tem nenhum resquício dualista, pois envolve o homem todo sendo igualmente o homem todo objeto do desígnio e da salvação de Deus”. (VAZ, 1991, p.64).

Outro aspecto que aparece mais intimamente ligado à experiência de Agostinho é o homem como ser itinerante, cujo ponto de partida é o livre-arbítrio na condição do homem pecador que através da ação da graça caminha para a conversão. O homem como ser para Deus, é que dá um sentido definitivo à essência do homem e à sua itinerância. O homem é pensado como ser para Deus, na sua interioridade, como sua imagem e semelhança e também pela sua participação na história, por isso ele nunca é plenamente satisfeito nesse mundo, como itinerante está em busca da felicidade, como ser para Deus seu caminho é um caminho para Deus.

Estes dois reinos não são dois reinos políticos nitidamente separados um do outro, mas reinos que, dentro de cada homem, aspiram ao poder. Não obstante, o Reino de Deus é mais ou menos evidente na Igreja, ao passo que o reino do mundo está mais ou menos presente, nos fundamentos dos Estados políticos. Por exemplo, no Império Romano, que precisamente durante a época de Agostinho vivia o seu declínio. Essa nação se tornou cada vez mais clara à medida que a Igreja e Estado travaram uma verdadeira batalha pelo poder durante toda a Idade Média. "Não há salvação fora da Igreja": esta era a palavra de ordem. Aos poucos a "Cidade de Deus" de Santo Agostinho acabou se identificando com a Igreja enquanto organização (GAADER, 1995, p.196).

Agostinho foi um dos primeiros filósofos a inserir a história em sua filosofia. Até então já havia a idéia de uma luta entre o bem e o mal, só que, não era implantada na história. Acreditava que Deus precisava de toda história para levantar o seu "Reino". Nesse sentido ele diz que a divina providência conduz a história da humanidade de Adão até o final dos tempos, à semelhanças da história de um homem que, passo a passo, caminha da infância até a velhice. Agostinho retorna a visão linear da história encontrada no antigo testamento, ele acreditava ser a história necessária para educar o homem e eliminar o mal.

Na obra a "Cidade de Deus", Agostinho, faz oposição entre sensível e inteligível, alma e corpo, espírito e matéria, bem e mal e ser e não ser. Acrescenta a história à filosofia, interpretando a história da humanidade como o conflito entre a Cidade de Deus, inspirada no amor á Deus e nos valores que Cristo pregou, presentes na Igreja e a cidade humana, baseada nos valores mediatos e mundanos. Essas cidades estariam presentes na alma humana, e no final a Cidade de Deus triunfará. (CONSCIÊNCIA, 2005)

A Patrística

Do período de decadência do Império romano, expande o cristianismo e surge no século II a.C. a filosofia dos Padres da Igreja ou Patrística. No esforço de converter os pagãos combater as heresias e justificar a fé, desenvolveram a apologética, elaborando textos em defesa do cristianismo. Começa aí uma grande aliança entre fé e razão que se estende por toda a Idade Média, em que a razão é considerada auxiliar da fé e a ela subordinada.

Os padres da Igreja são, portanto aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos foram forjando construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos decidindo assim os rumos da Igreja. (ALTANER; STUIBER, 1998, p.21-22).

Agostinho reconhece seus pecados e clama a Deus pelo perdão; tem desejo ardente de Deus, porém sente que sua alma, seu ser, ainda não está em condições de recebê-lo. Ardorosamente, Agostinho, pede misericórdia, por todas as coisas que ofenderam os olhos de Deus. Clama pela purificação de sua alma: “Purifica-me, Senhor, dos pecados ocultos, e perdoa o teu servo as culpas alheias” (Cf. Sl 19(18), 13-14).

Agostinho reconhece suas faltas, implora á Deus para penetrar em suas entranhas e perdoá-lo, pois somente assim a sua conversão seria íntegra. Ele se lembra de sua infância, analisa o mistério da natureza humana e sua finitude. Percebe que Deus é eterno e sente-se “pó e cinza” diante de tanta grandeza. Clama por misericórdia diante de sua pequenez.

Senhor meu Deus, senão que não sei de onde vim para cá, para esta vida mortal, ou antes, para esta morte vital? Não sei: mas fui acolhido pelas consolações de tua misericórdia; assim me disseram meus pais: de um me tiraste e de outro me formaste no tempo; eu de fato não me lembro. Acolheram-se, então, as doçuras do leite humano; mas não eram minha mãe nem minhas amas que enchiam os seus seios. Eras tu, Senhor, que me davas por meio delas o alimento da infância, segundo o plano pelo qual dispuseste todas as riquezas até o mais profundo das coisas (Ibid., p.20).

Em suas confissões Agostinho está sempre em busca de sua conversão. Trata-se realmente de uma “Confissão” no duplo sentido. Confessar a própria miséria e a grandeza da misericórdia divina.

“Quem sabe rezar bem, sabe viver”.

Santo Agostinho

Cidade de Deus I

Para tratar do confronto da cristandade com a história, Santo Agostinho escreveu a Cidade de Deus I, obra na qual se vê uma bela interpretação do mundo à luz da fé cristã. Trata-se da primeira teologia e filosofia. A história humana é a história da salvação dos homens. O fenômeno histórico do cristianismo dispõe de instituição e ritos, é ordem e repressão, há império e poder, mas tudo em função da salvação.

A expressão “Cidade de Deus” ou “Reino de Deus” tem sua origem na Bíblia e nos ensinamentos de Jesus. Agostinho acreditava que o homem está inserido na história de luta entre o “Reino de Deus” e o “Reino do mundo”.

arbítrio e a presciência divina permite que Deus saiba a sua decisão e a consequência de seus atos voluntários.

Agostinho não se limita a discutir apenas o livre arbítrio, defende também a existência da graça divina e da predestinação. Afirma que os seres humanos têm a faculdade da livre vontade, somente com a ajuda da graça podem buscar o bem e afastarem-se do mal e daqueles que o praticam.

Duas condições são exigidas para fazer um bem: um dom de Deus que é a graça e o livre arbítrio. Sem o livre arbítrio não haveria problemas; sem a graça, o livre arbítrio (após o pecado original) não queria o bem ou, se quisesse, não conseguiria realiza-lo. A graça, portanto não tem o efeito de suprimir a vontade, mas sim torná-la boa, pois ela se transformará em má. Esse poder de usar bem o livre arbítrio é precisamente a liberdade. A possibilidade de fazer o mal é inseparável do livre - arbítrio, mas o poder de não fazê-lo é a marca da liberdade. E o fato de alguém se encontrar confirmado na graça, a ponto de não poder mais fazer o mal, é o grau supremo da liberdade. Assim o homem que estiver mais completamente dominado pela graça de Cristo será também o mais livre: *libertas Vera est Christo Service* (BOEHNER; GILSON, 1995, p. 55).

A graça para Santo Agostinho junta-se ao livre arbítrio, sem, entretanto, negá-lo. Sem o auxílio da graça, o livre arbítrio elegeria o mal; com ela, dirige-se para o bem eterno. Mas, segundo Agostinho, nem todos os homens recebem a graça das mãos de Deus, apenas alguns eleitos, que estão, portanto predestinados á salvação.

A graça é a libertação do livre arbítrio, assim como a iluminação é a libertação da mente. A graça não substituiu a razão, não anula a liberdade, ambas, complementam-se mutuamente.

“Ó sabedoria! Luz suavíssima da mente purificada”.

Santo Agostinho.

Confissões

As Confissões foram escritas provavelmente entre 397 e 398. Contém uma parte autobiográfica, com acusação de culpas e agradecimentos a Deus pela misericórdia que lhe concedeu desde a infância.

Minha alma é morada muito estreita para te receber; será alargada por ti Senhor: está em ruínas: restaura-a. Tem coisas que ofendem teus olhos. Eu o sei e confesso. Mas quem pode purificá-la? A quem senão a ti, eu clamarei: Purifica-me, Senhor, dos pecados ocultos e perdoa o teu servo as culpas alheias? Tu o sabes (AGOSTINHO, 1984, p.19).

- A Vida Feliz;
- A Ordem;
- A quantidade da alma;
- Os solilóquios;
- Trindade;
- Cidade de Deus;
- A Doutrina Cristã;
- Comentários aos Salmos;
- Sobre os costumes da Igreja Católica;
- E os Costumes dos Maniqueus;
- Graça de Cristo e o Pecado Original;
- Entre outras, Confissões, obra que trata realmente de uma “Confissão”

no duplo sentido que o latim confere a esse tema: confessar a própria miséria e também a grandeza da misericórdia divina. Obra em que Agostinho reexamina e ratifica algumas teses contidas em sua produção anterior que não lhe pareciam perfeitamente alinhadas com a fé cristã.

“Prometi mostrar-te que na um ser,
muito mais sublime do que o nosso espírito e a nossa razão.
Ei-lo: é a própria verdade”.
Santo Agostinho

Comentário sobre as principais Obras:

O Livre Arbítrio

Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, o fundamento da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante transformadora do presente. O homem mergulha em seu passado utiliza recursos em busca de realizar o hoje. Para Santo Agostinho o homem é livre para fazer o bem, não é forçado e nem tem necessidade de fazer o mal. Se o homem peca, a culpa é sua.

O livre arbítrio presume, de acordo com a doutrina cristã que é o cristão que decide seu caminho. Trilhar o caminho do bem, desejar o reencontro com Deus; ou se afastar dele, indo à direção do mal por sua própria vontade, e sua decisão, no entanto, já é do conhecimento de Deus: uma vez que a sua dignidade reside no livre

Seu pai, Patrício, sempre pagão e mundano, era exemplo de vida desregrada para o jovem Agostinho, porém sua mãe, Mônica, uma cristã fervorosa, rezava incessantemente pela conversão de seu amado filho.

Em 383 viu-se desiludido com o maniqueísmo e tornou-se cético por algum tempo.

Profissionalmente, depois de ter ensinado retórica em Cartago e Roma, foi nomeado professor no ano de 384 em Milão. Onde teve a honra de conhecer Santo Ambrósio, o então Bispo daquela cidade, que revela com mais clareza a sabedoria oculta nas Sagradas Escrituras.

A partir daí, Agostinho passa a compreender as passagens das sagradas Escrituras, que até então para ele eram incompreensíveis. Renunciou a todos os prazeres mundanos, e depois de muita inquietação retirou-se para Cassiciocu, perto de Milão, em retiro fez várias meditações e recebeu juntamente com seu filho Adeodato o sacramento do batismo com a bênção do bispo Ambrósio. Após um tempo de recolhimento para orações resolve fundar um mosteiro na cidade de Tagaste, na África.

Na viagem para a África, quando passavam pela cidade de Óstia, ainda na Itália morre sua querida mãe, e dois anos depois já na África morre seu filho. No início do ano de 391, dirige-se para Hipona, onde foi ordenado sacerdote e, quatro anos mais tarde é ordenado bispo. Embora ordenado bispo Agostinho não abriu mão do ideal de vida monástica, fundando uma comunidade que foi modelo e centro de irradiação religiosa em toda a região.

Santo Agostinho participou de um momento crucial da história, a decadência do império romano, o fim da antiguidade clássica. Em 410 d.C. Agostinho presencia a tomada de Roma pelos Visigodos de Alarico. A destruição do poderio romano na África do Norte, com lutas internas, em que proliferam as heresias e os cismas. Com sua simpatia Agostinho exerceu uma forte atração, sobre os seus contemporâneos. Seu símbolo é um coração ardente em amor, com um olhar voltado para o alto.

Aureliano Agostinho veio a falecer no dia 28 do mês de agosto do ano 430 d.C. em Hipona, com 76 anos de idade, após décadas de luta e dedicação ao Cristianismo, foi um dos grandes pensadores da Patrística.

Suas principais Obras:

- O Livre Arbítrio;
- Contra os Acadêmicos;

CAPÍTULO I

SANTO AGOSTINHO: PRINCIPAL NOME DA PATRÍSTICA

*“A certeza dada pela luz divina
é maior do que a que é dada pela luz da razão natural”.*
Santo Agostinho

Aurélio Agostinho (CF. SOUZA, 2001, p.23) nasceu de pai pagão Patrício e mãe cristã Mônica dia 13 de novembro de 354 d.C. em Tagaste, pequena cidade de Numídia (atualmente Souk Ahras), na África

Foi educado na escola do catecumenato¹, mas só mais tarde assumiu o batismo. Aos 16 anos de idade iniciou os estudos de eloquência, sua inteligência chamava atenção. Mas nas cidades o gênio desregrado do jovem envolveu-o em paixões amorosas, vício pelo jogo. Tornou-se um jovem dado às amizades que cultivavam as rodas de boemias e assim, até os seus 32 anos, levou uma vida sem censura.

Muito inteligente, falava Cartaginês e latim, iniciou seus estudos superiores em Madouro, e estudou retórica em Cartago, tornando-se um brilhante professor de retórica em Cartago e nas grandes cidades de Milão e Roma.

Embora, sua educação cristã tenha iniciado muito cedo, Agostinho não se interessou pelo cristianismo.

Em 373, com 19 anos, lê *Hortensius* de Cícero, diálogo que não chegou até nós, e que contém o elogio da filosofia, como culto à sabedoria. Com essa leitura Agostinho é atraído pela “verdade”, mas decide não sofrer influência de ninguém nessa procura. Aos 20 anos adere ao maniqueísmo doutrina na qual ele via a distinção entre o mal e o bem e uma explicação para as paixões. Nessa doutrina Agostinho permaneceu por nove anos, apenas como ouvinte, talvez por já se sentir norteado pela forma mais perfeita do cristianismo, não encontrando satisfação para suas exigências intelectuais na doutrina dos maniqueus.

¹ Tempo dedicado à preparação ao sacramento do batismo.

Só Cristo

Só Cristo é o caminho
Mas você pode indicá-lo aos outros.

Só Cristo é Luz,
Mas você pode ensinar
Seu irmão a amar

Só Cristo pode dar a paz
Mas você pode semear a união

Só Cristo se basta a si mesmo
Mas Ele preferiu contar com cada um de nós

Capítulo I – Santo Agostinho: principal nome da Patrística,

Uma breve apresentação de sua biografia, de suas obras, do contexto histórico em que viveu e do movimento teológico e filosófico denominado Patrística, que tem seu apogeu justamente com o pensamento e o magistério de Agostinho.

Capítulo II – A Filosofia de Agostinho: a fé ilumina a razão

O esforço de Agostinho em compreender os dados da fé com o auxílio da razão, procurando conciliar a inteligência humana com a revelação de Deus: a inteligência perscruta a fé e a fé ilumina a inteligência.

Capítulo III – A fé e a razão na promoção e defesa das verdades Cristãs

A contribuição apologética de Agostinho demonstrando a superioridade das verdades cristãs em relação às heresias da época, justamente pelo fato de as verdades cristãs se valerem da complementaridade entre razão e fé.

INTRODUÇÃO

Ao assumir o propósito de desenvolver este trabalho monográfico com o tema “Agostinho em defesa do Cristianismo”, tive em vista abordar toda a trajetória de sua vida, uma vez que, do seu nascimento até a sua morte, seu caminho foi trilhado em meio a dúvidas e erros. Mas havia nele uma voz interior invocando a Deus, essa voz o deixava inquieto, sentia sede de Deus, ânsia pela verdade absoluta e pela perfeição.

Sua educação cristã foi iniciada desde cedo, pela sua mãe Mônica, uma mulher cristã e piedosa que percebeu, na infância do filho, a aptidão para a Filosofia, que era a sabedoria grega, segundo o contexto histórico de seu tempo.

Aos 16 anos iniciou os estudos de eloquência (retórica), era estudioso e inteligente. No entanto Agostinho envolveu-se em paixões amorosas, no vício pelo jogo e tornou-se um jovem dado às amizades que preferiam a vida em rodas boêmias.

Mônica, sua mãe, rezava muito para que Deus iluminasse o filho, despertasse no mesmo o interesse pela Filosofia, pela fé cristã, porém suas preces pareciam em vão. O jovem Agostinho apegava-se mais às coisas mundanas e, embora aparentemente se sentisse realizado em sua vida desregrada, ele tinha crises de consciência, vivia em confronto com o erro, com o mal, com a verdade.

A leitura de *Hortensius* de Cícero despertou em Agostinho o desejo da Filosofia como caminho para a busca da verdade, vindo a ser um filósofo e um defensor da fé e da religião em busca do pensamento teológico e na Filosofia.

O tema Agostinho em defesa do Cristianismo é um assunto empolgante e sugestivo e que precisa ser analisado com dedicação, pois, sua vida, seu pensamento, suas obras tiveram um objetivo claro, o combate às heresias que procuravam desvirtuar o conteúdo da fé cristã nos séculos III, IV e V.

Pesquisar esse tema é qualquer coisa de fascinante, permitindo, inclusive, buscar um embasamento teórico do contexto medieval, para um entendimento mais profundo da fé cristã, revendo o cristianismo como uma religião, que se baseia na pessoa, na vida e na obra de Jesus Cristo.

O trabalho será apresentado em três capítulos:

SUMÁRIO

Introdução	08
CAPÍTULO I	
Santo Agostinho: principal nome da Patrística	11
Comentário sobre as principais Obras	13
O Livre Arbítrio	13
Confissões	14
Cidade de Deus I	15
A Patrística	16
CAPÍTULO II	
A Filosofia de Agostinho: A fé ilumina a razão	18
CAPÍTULO III	
A fé e a razão na promoção e defesa das verdades Cristãs	23
O Senhor da Minha fé	28
Conclusão	32
Referências Bibliográficas	35

RESUMO

Esta monografia trata de uma síntese da defesa do Cristianismo em Agostinho, tendo como base o esforço de Agostinho em compreender os dados da fé com o auxílio da razão, procurando conciliar a inteligência humana com a revelação de Deus: a inteligência perscruta a fé e a fé ilumina a razão.

Todos os seus passos foram imersos na sua Filosofia, uma vez que a mesma foi a interpretação de sua própria vida, vista como uma contínua busca de Deus, da verdade e uma luta constante contra o mal. Como qualquer outro ser humano, nessa procura Agostinho enfrentou dúvidas angustiantes, aderiu a várias doutrinas, mas sua busca não foi em vão, encontrou Deus tanto pela razão como pela fé.

Somente depois de muitos desacertos, a sua fé ilumina sua razão e Agostinho encontra Deus no Cristianismo, na pessoa de Jesus Cristo.

A partir daí, ele se autocondenou, se converteu e passou a defender o Cristianismo.

Com este trabalho a minha única pretensão é despertar o ser humano e mostrar a ele que a razão e a fé são igualmente necessárias para a busca da verdade. E que Santo Agostinho encontrou Deus no Cristianismo, mas Deus é uma força maior, que faz o homem andar, levantar, agir, lutar para viver. A religiosidade é mais relevante que a religião, que são várias. A religiosidade é única é a sua fé, portanto o homem somente encontrará Deus na interioridade de sua alma.

Palavras-chave: Cristianismo, Filosofia, Fé e razão

Estamos no terceiro milênio.

Um futuro de afirmação das diferenças e de aprendermos a viver e vivermos de aprender com os outros a sua maneira pessoal de buscar o Transcendente. Tudo novo e nada novo debaixo do sol.

Todas as buscas do Transcendente se resumem na atitude concreta e universal do amar e ser amado.

Só o amor é universal.

Só esta ternura infinita que sentimos quando estamos encantados por uma pessoa ou por uma causa é que nos leva a uma entrega total de nós mesmos e que, em cada momento, nos surpreende com a infinita capacidade de doação que brota dentro de nós.

O amor é a nossa causa comum.

O amor que nos faz indignar com as injustiças e que nos cria solidários, sem perguntarmos a crença, com os que sofrem porque são humanos como nós. O amor que faz descobrir o milagre de que uma cesta com cinco pães e dois peixes nunca é suficiente até que começamos a dá-la.

Estamos no terceiro milênio.

Todas as conquistas científicas, os avanços tecnológicos, a ânsia de domínio do mundo e dos outros, nada disto serve para nada diante da atitude e do sentimento pessoal do amor.

Este é o segredo das religiões: podemos nos aposentar em tudo, a única coisa que nunca jamais aposentaremos é a nossa capacidade de nos apaixonar por uma pessoa, ou uma causa.

Disto temos testemunhas em todas as religiões.

As doutrinas e as Instituições nos dividem.

Só o amor nos une.

Por isso, a Boa Nova se resumiu no amor.

É ele que nos salva.

E nos salva em todas as culturas e religiões.

Devemos anunciar às pessoas para que sejam elas mesmas e que ser testemunho é mais do que convidar para que se unam ao nosso peregrinar, dizendo-lhes as respostas "corretas" aos problemas da vida.

O amor nos ensina que a vida não é um problema a ser resolvido,

nem uma questão a ser respondida.

A vida é para ser vivida,

a cada dia, a cada passo

imersos no amor que nos conduz à alegria e à ternura

de sermos humanos,

profundamente humanos.



Aqueles que permaneceram firmes no decorrer de todo o curso, sendo exemplos de companheirismo, de amizade, certamente as histórias de vocês serão edificadas aqui mesmo, dentro de nossos corações e servirão de exemplos e referências para todos nós.

À minha família.

De vocês recebi amor, carinho e compreensão.

Tantas foram às vezes que o meu cansaço, as minhas dificuldades foram compartilhadas por todos vocês. Um abraço, um sorriso de vocês me fez seguir em frente em busca dos meus objetivos meus sinceros agradecimentos. Obrigada!

A Deus

Meus agradecimentos por estar presente em meus pensamentos e obras, por me guiar sempre, nas derrotas e vitórias. Obrigada meu Deus, por me amar do jeito que sou, com minhas qualidades e defeitos. Obrigada! Pela força do Espírito Santo, que agiu sobre mim, iluminando a minha inteligência dando-me o dom do discernimento para uma melhor compreensão da vida e da filosofia.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos aos meus colegas pelos momentos agradáveis que passamos juntos. Pela partilha de conhecimento, experiências adquiridas diante da realidade de cada um, que com certeza tornaram mais abrangente os nossos conhecimentos.

Pelas observações carinhosas e bem humoradas que muitas vezes nos fizeram sorrir em momentos de tristezas...

Pelos conselhos dados na hora certa, que nos fizeram fazer diferente, de maneira melhor...

Pelo consolo, pela palavra amiga, pelo elogio e pela crítica que nos fizeram sentir mais gente, mais seres humanos.

Pelo respeito às nossas diferenças.

Pelo esforço de cada um ao aceitar as particularidades dos outros.

Pela graça de termos aceitado as dificuldades, as derrotas o desânimo como instrumentos utilizados por Deus para nos mostrar o caminho certo.

Pela fé que nos foi concedida por Deus, para discernirmos a sabedoria, sem medo de errar e procurando melhorar sempre.

Foram tantos os momentos em que desfrutamos os maravilhosos direitos que Deus nos deu de manifestar nossas emoções através da lágrima e do riso, ajudando-nos a superar as circunstâncias constrangedoras que porventura surgiam no dia-a-dia. Tornando-nos fortes no convívio de sólidas amizades. Jamais nos esqueceremos das experiências que vivemos juntos.

Aos mestres

Meu muito obrigada aos professores, que me guiaram conforme as suas experiências. Indo além dos conteúdos, envolvendo-se com os problemas do dia-a-dia, sendo companheiros e, sobretudo fazendo a sua história juntamente com a nossa história.

Meu carinho e gratidão a todos àqueles que passaram por nós, fizeram sua história de dedicação, de doação, de dignidade pessoal e sobretudo de amor, mas se foram, ser exemplos, referências em outros lugares ...

DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente á Deus o criador de todas as coisas, que me deu forças, para concluir esse curso. Foi Ele, que nos momentos difíceis, quando tive vontade de desistir, me reanimou, me iluminou para que eu não desistisse no meio do caminho.

Com profundo sentimento de gratidão dedico esse mérito alcançado ao Padre Joaquim José Neto, uma pessoa iluminada por Deus, que me proporcionou a oportunidade do convívio no meio acadêmico.

Com sentimento de amor e carinho a meu esposo e meus filhos que muito me compreenderam, e me incentivaram para eu dedicar e obter êxito nos meus estudos. Sei que vocês torceram por mim, e que estão muitos felizes por eu chegar ao fim do curso com o devido mérito.

A memória de meu pai, que há muito tempo partiu para junto ao Pai. Mas a sua lembrança continua viva em meu coração... Juntamente com seus ensinamentos, de que o verdadeiro sentido da vida é adquirido através do amor, do bem e da verdade.

A minha mãe, mulher simples, mas muito sábia e corajosa, que na sua sabedoria de mãe torceu e rezou por mim durante os meus estudos.

A meus irmãos, que sempre fizeram parte de minha vida, partilhando as dificuldades e os êxitos, sempre a me incentivar...

Aos meus mestres que me ensinaram com carinho e paciência. Mas que souberam também me criticar no momento certo, para que eu crescesse, sobretudo nos meus erros.

Assim como, tendo caído num precipício, alguém lá permanece se outro não o ajuda a sair, da mesma forma a alma não teria podido sair das coisas sensíveis para a contemplação de si mesma e da eterna verdade nela refletida se a própria verdade, assumindo a forma humana em Cristo, não se houvesse feita escada de reparação pela queda da primeira escada de Abraão. Por isso, por mais que possa ser iluminado pelos dons da natureza e pela Ciência adquirida, ninguém pode voltar a entrar em si mesmo para fruir de Deus senão pela mediação de Cristo, que disse: Eu sou a porta: quem passar por mim se salvará, entrará e encontrará pastagens eternas.

São Boaventura

ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Data: 26 de maio de 2006

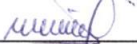
Hora: 19:45 h

Local: Sala do 7º período de Filosofia

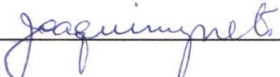
Acadêmico(a): SEBASTIANA MARIA ADELAIDE DE OLIVEIRA

Tema: Defesa do Cristianismo em Agostinho

Componentes da Banca:

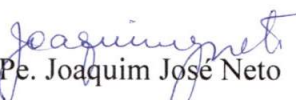
Orientador(a): José Geraldo da Trindade 

Helena de Fátima Araújo 

Pe. Joaquim José Neto 

Nota: 98

Rubiataba, 26 de maio de 2006.


Pe. Joaquim José Neto
Coordenador do curso

SEBASTIANA MARIA ADELAIDE DE OLIVEIRA



DEFESA DO CRISTIANISMO EM AGOSTINHO

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura Plena em Filosofia, tendo como orientador o professor José Geraldo Trindade.

RUBIATABA - GO

2006

30672
Soon

Tombo nº	12266
Classif.:
Ex.:	1
.....
.....
Origem:	A
Data:	04-09-06